

## AS MULHERES DE HORÁCIO

Francisco de Assis Florencio (UERJ)  
[ff017066@gmail.com](mailto:ff017066@gmail.com)

### RESUMO

Embora o vate latino tenha tido várias musas, destacaremos, neste artigo, apenas três: Lídia, Neera e Cloe. Bastante aplicado à batalha de Vênus, daí ser descrito por Suetônio como “*Ad res venereas intemperantior traditur*”, Horácio nos legou muitos poemas dedicados às mulheres com quem se relacionou e amou. Seleccionadas as musas, iremos analisar alguns *carmina* escritos em homenagem a elas. A relação com Lídia irá *ab ovo ad mala*, pois aparecerão as várias fases da relação; Neera é a cortesã de voz canora e Cloe é a bela loira, porém arrogante.

**Palavras-chave:** Mulheres. Musas. Horácio. Lídia. Neera. Cloe.

### 1. Introdução

Nosso trabalho tem por objetivo traduzir e tecer comentários sobre vários poemas de Horácio endereçados a *feminae* amadas e desejadas por ele.

Tido como mulherengo, conquistador e namorado por muitos, o vate latino possui inúmeros poemas dedicados às suas amantes. Aqui nos restringiremos apenas a três. A primeira, Lídia, é cantada de forma mais intensa que as outras duas. Ela primeiramente é apresentada como uma mulher tão cativante que pode levar à perdição os seus amantes; em seguida é descrita como uma mulher “caliente” que, na cama, pode levar à loucura qualquer varão; no terceiro poema, ela passa do apogeu para a ruína, pois como qualquer mortal, também está sujeita às vicissitudes próprias da velhice.

A sua segunda *amica* é Neera. Ela aparece primeiramente no ex-certo de um *carmen* consagrado ao *Divus Augustus* e será, no poema, um

atrativo a mais em meio aos festejos dedicados ao *Imperator*. A ela dedicado, o epodo XV descreve de maneira minuciosa a relação amorosa entre ela e o poeta. Embora a relação seja descrita como ardente e prazerosa, as juras de amor de Neera são passageiras e vãs, logo o instinto de infidelidade dela vem à tona e ele, como macho, é obrigado a se posicionar, deixando de lado os seus sentimentos.

A terceira *puella*, literalmente falando, é a adolescente Cloe. É na ode I, 23 que o vate a descreve como uma ninfeta, que, na condição de donzela, tem medo das primeiras relações amorosas. Ele, porém, a incentiva a deixar o receio de lado e, fugindo da proteção materna, atirar-se de corpo e alma nos braços de Vênus. A descrição física, origem e o fato de ela ter tomado o lugar de Lídia no coração do poeta aparecem no *carmen* III, 9. No livro 3, poema VII, ela aparece em meio a um triângulo amoroso que se completa pela presença da jovem Astéria e do *pomum* da discórdia, Giges. No final do *carmen* 26, *liber* III, o poeta a apresenta como uma pessoa arrogante e pede a Vênus que transforme o coração dela.

## 2. A Lídia

A VIII ode do livro I canta o amor de Lídia para com o jovem Síbaris o qual, segundo o vate, logo cairá em desgraça se seguir os conselhos de sua amante, e, em consequência, virá a se comportar de maneira distinta dos jovens romanos da sua idade, comportando-se, em razão disso, de maneira afeminada.

### 2.1. Texto

Lydia, dic, per omnis ..... 1  
te deos oro, Sybarin cur properes amando  
perdere, cur apricum  
oderit Campum, patiens pulueris atque solis,  
cur neque militaris..... 5  
inter aequalis equitet. Gallica nec lupatis  
temperet ora frenis.  
Cur timet flauum Tiberim tangere? Cur oliuum  
sanguine uiperino  
cautius uitat neque iam liuida gestat armis ..... 10  
bracchia, saepe disco  
saepe trans finem iaculo nobilis expedito?  
quid latet, ut marinae  
filium dicunt Thetidis sub lacrimosa Troia

funera, ne ..... 15  
 cultus in caedem et Lycias proriperet cateruas?

### 2.1.1. Tradução

Dize-me, Lídia, rogo-te por todos os deuses, por que, com paixão, te apressas a pôr a perder Síbaris, por que ele, que suporta bem a poeira e o sol, odeia o Campo ensolarado, por que não cavalga entre os seus amigos soldados, por que não conduz as bocas gálicas com freios apertados. Por que ele teme tocar o amarelado Tibre? Por que ele evita o óleo com mais cuidado do que o sangue viperino e já não traz os braços feridos pelas armas? (Ele é) frequentemente conhecido por lançar um disco, atirado além do território. Por que razão ele se esconde, como dizem que o filho da Tétis marinha se escondeu sob a lacrimosa Troia, para que a vestimenta viril não o arrastasse para a morte nem para as tropas lícias?

### 2.1.2. Comentários

Vemo-nos diante de uma canção de amor em que o poeta, enciumado, crítica a forma como sua Lídia trata seu jovem amante Síbaris.

A ode, assim como ocorrerá no decorrer do poema, se inicia com uma interrogação. Ele pergunta a Lídia o porquê de ela estar levando o jovem Síbaris a se comportar de uma maneira diferente de sua natureza, pois ele, assim como seus companheiros, já estava mais do que preparado para atividades próprias de sua idade, tais como servir ao exército romano e praticar, conseqüentemente, as coisas próprias de um jovem: exercícios físicos e coisas pertinentes a um bom *miles romanus*: exercícios militares e instrução. A referência ao rio Tibre deve-se ao fato de este rio, além de rodear a maior parte do Campo de Marte, local onde todas as atividades citadas acima costumavam ser realizadas, ainda servia para a prática da natação.

Encontramos uma alusão histórica no epíteto *filium Thetidis*, que é um aposto empregado para designar Aquiles. Do verso treze ao último, o vate compara o procedimento do filho de Tétis ao amante de Lídia, ou seja, para livrar seu filho da morte e dos combates que se travavam em meio à Guerra de Troia, a *dea marina* escondeu-o entre as filhas do rei Licomedes, mas ele foi descoberto por Ulisses. Deste modo, o poeta insinua que Lídia, por meio de sua influência, deixará o seu amante afeminado.

## 2.2. Ode XIII, Livro I

Neste *carmen* Lúdia é apresentada como uma “*femme fatale*” que leva à loucura não apenas o poeta, mas também outros amantes.

### 2.2.1. *Texto*

..... Cum tu, Lydia, Telephi----- 1  
ceruicem roseam, cerea Telephi  
..... laudas bracchia, uae, meum  
feruens difficili bile tumet iecur.  
..... Tunc nec mens mihi nec color  
certa sede manet, umor et in genas----- 5  
..... furtim labitur, arguens  
quam lentis penitus macerer ignibus.  
..... Vror, seu tibi candidos  
turparunt umeros inmodicae mero ----- 10  
..... rixae, siue puer furens  
inpressit memorem dente labris notam.  
..... Non, si me satis audias,  
speres perpetuum dulcia barbare  
..... laedentem oscula, quae Venus ----- 15  
quinta parte sui nectaris imbuit.  
..... Felices ter et amplius  
quos inrupta tenet copula nec malis  
..... diuolsus querimoniis  
suprema citius soluet amor die.----- 20

### 2.2.2. *Tradução*

Quando tu, Lúdia, elogias o róseo pescoço de Télefo e os seus suaves braços, Ai! O meu fígado, ardendo, fica inchado de uma terrível bílis. Assim nem a razão permanece em mim nem a cor nesta segura habitação, e uma lágrima escorre furtivamente pelas minhas faces, e que eu, atacado muito profundamente, venha a ser consumido pelo lento fogo da paixão. Estou abrasado de amor ou as excessivas brigas, por causa do vinho, marcaram os teus cândidos ombros, ou um jovem, enfurecido, deixou de lembrança, com seus dentes, uma marca em teus lábios. Se me deres ouvido, não esperarás para sempre que ele, barbaramente, fira os teus doces lábios que Vênus, com a quinta parte de seu néctar, impregnou. Muito e muito felizes aqueles a quem mantém um vínculo inquebrável e o amor, não despedaçado por más queixas, não se dissolverá antes do fim do dia.

2.2.3. *Comentários*

Do primeiro ao oitavo verso, verifica-se o estado emocional e físico do poeta ao ouvir sua Lídia elogiar os atributos físicos de Télefo, amante dela e conseqüentemente oponente dele. Para traduzir o seu estado emocional, ele faz uso dos termos *bile* e *iecur*, o que nos faz deduzir que ele está com a *bilis nigra*, que corresponde ao grego “melancolia”, e retrata melhor do que qualquer outra expressão o estado de amargura e tristeza em que ele se encontra.

Diante desta descrição, o eu-lírico entra num estado de insanidade que toma conta não apenas da sua mente (*mens*), mas também do seu corpo (*color*), levando-o a um estado de tristeza e choro (*umor*), comprovando, assim, o quanto ele está sofrendo e sendo consumido por esta paixão avassaladora. Para designá-la, ele emprega *ignibus*, que pode ser o puro amor, aquele meramente platônico, conforme Camões: “Amor é fogo que arde sem se ver” ou o amor erótico como quando dissemos “Este menino está com um fogo danado.”

Ao perceber os ombros e os lábios da amada marcados, o vate suscita duas possibilidades para estes machucados: ou ela, embriagada, se envolveu em alguma confusão e levou a pior ou o seu amante, Télefo, em meio às loucuras da paixão, teria deixado nela as marcas de seus dentes. O sintagma *dente labris notam* retrata o tipo de relação estabelecida entre ela e seu amante: uma relação passional, sadomasoquista, que é corroborado pelo adjetivo *furens*, oriundo do verbo *furere* que, dentre seus inúmeros significados, possui sentido passional: “estar louco de paixão por alguém”, representa bem o estado emocional do *puer*: excitadíssimo, louco de desejo.

Segundo ele, se Lídia lhe der ouvidos, não precisará mais se submeter eternamente a este tipo de relação, pois os seus lábios, com certeza, merecem ser tratados de forma mais digna, já que a própria Vênus os ungiu com a “quinta parte de seu néctar.” Quanto a esta expressão, provavelmente seja uma alusão à “quintessência” ou *πέμπτη οὐσία* da filosofia pitagórica.

Por fim, embora o poeta não fosse adepto desse *modus vivendi*, diz à amada que mais felizes serão aqueles que conseguirem viver com seu cônjuge uma relação sadia e duradoura. Merece destaque a construção *citius... die*, que, aqui, é empregada não para designar a parte do dia em que a luz se extingue, mas sim para designar o término da vida, a morte.

### 2.3. Ode XXV, Livro I

Canta-se, neste poema, a ruína física de Lídia e os percalços oriundos da velhice: dificuldades de encantar os jovens e antigos amantes que outrora viviam aos seus pés e, como consequência, resta-lhe apenas desprezo, solidão e indiferença.

#### 2.3.1. *Texto*

Parcius iunctas quatiunt fenestras.....1  
iactibus crebris iuvenes proterui  
nec tibi somnos adimunt amatque  
    ianua limen,  
quae prius multum facilis mouebat.....5  
cardines. Audis minus et minus iam:  
'Me tuo longas pereunte noctes,  
    Lydia, dormis?  
Inuicem moechos anus arrogantis  
flebis in solo leuis angiportu.....10  
Thracio bacchante magis sub  
    interlunia uento,  
cum tibi flagrans amor et libido,  
quae solet matres furiare equorum,  
saeuiet circa iecur ulcerosum.....15  
    non sine questu,  
laeta quod pubes hedera uirenti  
gaudeat pulla magis atque myrto,  
aridas frondes hiemis sodali  
    dedicet Euro. ....20

#### 2.3.2. *Tradução*

Mais raramente, os jovens atrevidos sacodem, com batidas frequentes, as tuas janelas fechadas, nem tiram o teu sono e a porta ama o limiar, que anteriormente movia mais facilmente os seus eixos. Tu já ouves cada vez menos: “Por que tu, Lídia, estando eu apaixonado durante longas noites, dormes”? Do mesmo modo, tu, velha, chorarás as traições de um arrogante, sozinha em um beco solitário ou mais ainda com o furioso vento trácio sob as noites sem lua, depois que o ardente amor e a libido, que costumam enfurecer as mães dos cavalos, vierem a se tornar enfurecidos ao redor do teu inflamado coração, te queixarás que a alegre juventude tenha mais prazer na verde hera, na negra murta, e que dedique as secas folhas ao Euro, companheiro do inverno.

### 2.3.3. *Comentários*

Aqui, o autor chama a atenção de Lídia para o fato de que, a cada dia, mais se tornam escassos o número de seus admiradores e isso se deve ao fato de ela estar ficando velha e decrépita.

Do primeiro ao quinto verso, o predomínio dos verbos no presente demonstra que a presença constante de jovens admiradores já não é, como ocorria anteriormente, tão frequente na porta de Lídia.

Nos versos seis e sete, o poeta, através do discurso direto, chama a atenção de Lídia para o fato de que estão ficando cada vez mais raros os elogios e as súplicas de amor a ela dirigidos. Em seguida, ele salienta que ela muito em breve provará do seu próprio veneno: traição, solidão, rejeição. Para isso o vate faz uso de palavras ligadas ao inverno: *thracio vento* e *interlunia*. A primeira é o vento próprio do inverno e a segunda representa bem as noites inverniais, a saber, “sem luas”.

Do verso treze ao quinze, o poeta diz que os desejos (*amor e libido*), que são próprios de uma égua, se tornarão mais fortes em Lídia quando ela for velha.

Porém, por estar velha, ela apenas se queixará do fato de que, mesmo no inverno, a atenção dos jovens não estará mais voltada para ela e sim para os elementos da natureza, tais como: *hedera virenti* e *pulla myrto*. Os termos *pubes* e *virenti* deixam bem evidente a ideia de *juventutem*.

## 3. *A Neera*

### 3.1. *Ode XIV, Livro III*

Desta ode, dedicada ao Imperador Augusto, apenas o excerto abaixo faz menção a Neera:

#### 3.1.1. *Texto*

Dic et argutae properet Neerae  
 Murreum nodo cohibere crinem;  
 Si per invisum mora ianitorem  
 Fiet, abito.

### 3.1.2. Tradução

E dize à arguta Neera que se apresse em prender com um nó a perfumada cabeleira; se, por causa de um porteiro desavisado, a demora vier a existir (demorar), vai-te embora.

### 3.1.3. Comentários

Em meio aos festejos, quando do retorno de Augusto da *Hispania*, para completar a ovação que ao Imperador se fazia, o poeta se lembra de Neera e pede a um escravo que vá ao encontro da cortesã e a traga para participar dos festejos.

O vate destaca, neste excerto, alguns atributos físicos da cortesã: a sua maviosa voz e a sua odorosa cabeleira.

## 3.2. Epodo XV

É neste epodo que, ao descrever a sua relação com Neera, vem à tona a fama de mulherengo e conquistador tão amplamente cantada e atribuída ao vate latino.

### 3.2.1. Texto

Nox erat et caelo fulgebat Luna sereno ..... 1  
inter minora sidera,  
cum tu, magnorum numen laesura deorum,  
in verba iurabas mea,  
artius atque hedera procera adstringitur ilex ..... 5  
lentis adhaerens brachiiis;  
dum pecori lupus et nautis infestus Orion  
turbaret hibernum mare  
intonsosque agitare Apollinis aura capillos,  
fore hunc amorem mutuom, ..... 10  
o dolitura mea multum virtute Neera:  
nam siquid in Flacco viri est,  
non feret adsiduas potiori te dare noctes  
et quaeret iratus parem  
nec semel offensi cedet constantia formae, ..... 15  
si certus intrarit dolor.  
et tu, quicumque es felicior atque meo nunc  
superbus incedis malo,  
sis pecore et multa dives tellure licebit  
tibi que Pactolus fluat ..... 20  
nec te Pythagorae fallant arcana renati



formaque vincas Nirea,  
 heu heu, translatos alio maerebis amores,  
 ast ego vicissim risero.

### 3.2.2. Tradução

Já era noite e, entre os astros menores, a lua brilhava no céu sereno, quando tu, perda dos grandes deuses, juravas fidelidade a mim, prendendo-me aos teus lentos braços, mais apertado do que a hera ao carvalho; (juravas que) enquanto o lobo levasse medo aos rebanhos e o Órion, hostil aos marinheiros, agitasse o invernosso mar, e o vento esvoaçasse os intonsos cabelos de Apolo, o nosso mútuo amor haveria de existir. Ó Neera, tu hás de ti afligir por causa da minha coragem; pois se há alguma coisa de macho em Flaco, ele não admitirá que tu ofereças frequentes noites a outro e, irado, procurará outra companhia, nem a constância da tua injúria dará lugar a tua beleza, se uma vez a tua verdadeira dor entrar nele. E tu, quem quer que sejas, caminhas mais feliz agora, orgulhoso dos meus males, Que oxalá venhas a ser muito rico tanto no coração quanto em terra, e que o Pactolo corra em tua direção e os mistérios do renascido Pitágoras não te fiquem ocultos, e que superes a Nereu em beleza, Ai! Ai! Lamentarás os amores transferidos para outra pessoa, mas eu, por minha vez, rirei.

### 3.2.3. Comentários

Nos dois primeiros versos, a imagem apresentada é aquela de um casal apaixonado que desfruta da sua paixão à luz da lua, numa noite estrelada. Em meio àquele ambiente, muitas juras de amor saem dos lábios da amada e o vate, louco de paixão, dá crédito às palavras dela. Para fortalecer os seus juramentos, ela se vale da natureza: *lupus, pecori, Orion, mare, aura*. Por eles jura que o que sente pelo amado é recíproco e que o amor entre eles seria eterno tal qual a natureza e os seres que os cercam. Vale destacar a construção *in verba*, fórmula de juramento própria da linguagem militar.

Como Neera não tivesse cumprido seus votos, pois, segundo Catulo, “*mulier cupido quod dicit amanti, / in vento et rapida scribere oportet aqua*” (CARMEN. 70), a partir do verso 11, o poeta diz que ela sofrerá pela sua traição, pois ele se manterá firme e, com coragem, não ficará assistindo passivamente aos encontros furtivos dela com seu amante, mas responderá à altura, a saber, colocará outra *femina* em seu lugar. Falando na terceira pessoa, ele recorre então à sua hombridade e diz que não aceitará que ela se entregue a noites prazerosas na companhia de outro homem, mas se ela o fizer, ele responderá na mesma moeda e também arrumará outra amante para substituí-la na cama.

A partir do verso dezessete, Flaco se dirige ao seu rival, que, segundo ele, ri agora de sua desgraça. De forma irônica deseja, por meio do optativo, que ele venha se tornar muito rico, que suas terras sejam férteis e prósperas. Ao citar o Pactolo, traz-nos à lembrança a crença de que este rio possuía areias de ouro. Deseja também que ele seja perito nos mistérios de Pitágoras ou na metempsicose, ou seja, que se torne um sábio. Por fim, deseja que ele seja tão belo quanto Nereu, considerado, em seu tempo, o mais belo homem entre os gregos.

Concluindo, o vate diz que apesar de ele possuir todos esses predicativos e bens, arrepende-se-á por ter conquistado o coração de Neera e termina fazendo-nos lembrar do nosso conhecido ditado: “Quem ri por último ri melhor.”

#### 4. A Cloe

##### 4.1. Ode XXIII, Livro I

Nesta ode, o poeta tenta convencer Cloe, que está com medo, de que ele não representa perigo para ela, pois ela já está mais do que na hora de deixar as brincadeiras de criança e se tornar participante das brincadeiras de Vênus.

##### 4.1.1. Texto

Vitas hinnuleo me similis, Chloe, .....1  
quaerenti pauidam montibus auis  
matrem non sine uano  
aurarum et siluae metu.

Nam seu mobilibus ueris inhorruit .....5  
aduentus folliis, seu uirides rubum  
dimouere lacertae,  
et corde et genibus tremit.

Atqui non ego te, tigris ut aspera  
Gaetulusue leo, frangere persequor: ..10  
tandem desine matrem  
tempestiua sequi uiro.

#### 4.1.2. Tradução

Tu me evitas, Cloe, como o gamo, que procura a pávida mãe nos remotos montes, em vão, com medo do bosque e dos ventos. Pois se a chegada da primavera começou a se agitar por causa das folhas que balançam ou se os lagartos verdes fizeram mover a amoreira, ele treme tanto no coração quanto no joelho. E eu não te persigo como um tigre selvagem ou um leão de Getúlio para te estraçalhar; por isso tu, já madura para seguir um homem, deixa tua mãe.

#### 4.1.3. Comentários

Até o quarto verso, o bardo latino compara o esforço de Cloe em fugir de sua presença a um pequeno gamo (*hinnuleo*), que, longe dos cuidados maternos (*pavidam... matrem*), anda errante e com medo dos perigos naturais (*aurarum et silvae*).

Do quinto ao oitavo verso, é-nos descritos os barulhos próprios da primavera. Embora esta estação traga alegria e desejo aos amantes, os ruídos, segundo o poeta, produzidos por serem inanimados (*foliis*) ou animados (*lacertae*) trazem pavor ao coração e ao físico do pequeno gamo.

Na última estrofe, o vate lembra a Cloe que ela já não é tão menininha e que, por isso, já está mais do que pronta para deixar o colo materno e se deixar conhecer por um homem, no caso, ele mesmo. Novamente, fazendo uso do símile, ele a tranquiliza dizendo que ela não precisa temê-lo, pois ele não é uma fera que deseja devorá-la. Destacamos, aqui, o topônimo *Gaetulus*, que servia para designar o noroeste da África.

### 4.2. Ode IX, Livro III

Escrita em forma de diálogo, a ode IX, do livro III, faz-nos perceber o quanto o poeta e Lídia, mesmo depois de rompido o relacionamento, ainda se desejavam e, por isso, acenam para a possibilidade de uma reconciliação.

#### 4.2.1. Texto

'Donec gratus eram tibi..... 1  
nec quisquam potior brachia candidae  
ceruici iuuenis dabat,  
Persarum uigui rege beatior.'

'Donec non alia magis ..... 5  
arsisti neque erat Lydia post Chloen,  
multi Lydia nominis,  
Romana uigui clarior Iliā.'  
'Me nunc Thressa Chloe regit,  
dulcis docta modos et citharae sciens, ..... 10  
pro qua non metuam mori,  
si parcent animae fata superstiti.'  
'Me torret face mutua  
Thurini Calais filius Ornyti,  
pro quo bis patiar mori, ..... 15  
si parcent puero fata superstiti.'  
'Quid si prisca redit Venus  
diductosque iugo cogit aeneo,  
si flaua excutitur Chloe  
reiectaeque patet ianua Lydiae?' ..... 20  
'Quamquam sidere pulchrior  
ille est, tu leuior cortice et inprobo  
iracundior Hadria,  
tecum uiuere amem, tecum obeam lubens.'

#### 4.2.2. Tradução

- H. Enquanto eu era querido a ti e nenhum jovem lançava os braços ao teu cândido pescoço melhor do que eu. Eu me tornei mais feliz do que o rei dos persas.
- L. Enquanto não ardeste por nenhuma outra, e Lídia não estava depois de Cloe, Eu, Lídia, de grande nome, tornei-me mais célebre do que a filha romana.
- H. Agora a trácia Cloe me domina, a qual é douta nas doces melodias e que sabe tocar cítara, pela qual não temeria morrer, se os Fatos viessem a deixar sua alma viva.
- L. Calais de Túrio, filho de Órnito, me queima com uma dupla chama, por causa do qual experimentaria morrer duas vezes, se os Fatos viessem a deixar este menino vivo.
- H. Por que então a antiga paixão volta e conduz, com seu jugo de bronze, os que se encontram separados, por que então a loira Cloe é afastada e a porta da rejeitada Lídia se abre?
- L. Embora ele seja mais belo do que uma estrela, tu (seja) mais leve do que uma casca e mais iracundo do que o rebelde Adriático; eu adoraria viver contigo e, feliz, morreria contigo.

4.2.3. *Comentários*

Neste tipo de composição, em forma de diálogo, eram observadas duas leis: o que falava por último podia responder com o mesmo número e o mesmo tipo de verso; em segundo lugar, ele podia melhorar ou contestar o que foi dito antes.

O poema se inicia com o poeta dizendo que outrora, ou seja, antes de Lídia o trocar por outro mais jovem, ele era o mais feliz dos homens. A referência aos reis persas, provavelmente uma reminiscência a Dario e Ciro, deve-se ao fato de eles terem se tornados famosos pela grande riqueza acumulada e terem sido conhecidos como “reis dos reis”, razão pela qual a frase “*Beatior rege persarum*” veio a se transformar num provérbio.

Ela, por sua vez, argumenta que também era feliz e renomada antes de ele se apaixonar por Cloe.

Ele retoma a palavra e diz que agora a sua atenção está voltada para a bela loira, acrescentando seus atributos artísticos: sabe cantar e tocar. Ao dizer que morreria por ela, o vate traz à tona uma crença antiga e popular segundo a qual se podia evitar a morte de uma pessoa substituindo-a por outra.

A palavra volta a Lídia e responde na mesma moeda: ao ser trocada por uma jovem, procura revidar do mesmo jeito e também arruma, como amante, o jovem Calais.

De novo com a palavra, ele questiona Lídia: se ela tem um amante tão ardente, por que então a antiga paixão ainda sobrevive no coração de ambos.

Na última fala de Lídia, ela compara seu jovem amante ao seu antigo. Embora aquele seja muito bonito e este volúvel e colérico, ela preferiria viver e morrer ao lado do antigo.

4.3. **Ode VII, Livro 3**4.3.1. *Texto*

Quid fles, Asterie, quem tibi candidi ..... 1  
 primo restituent uere Fauonii  
 Thyna merce beatum,  
 constantis iuuenem fide

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Gygen? Ille Notis actus ad Oricum..... 5  
post insana Caprae sidera frigidas  
noctes non sine multis  
insomnis lacrimis agit.

Atqui sollicitae nuntius hospitae,  
suspirare Chloen et miseram tuis..... 10  
dicens ignibus uri,  
temptat mille uafere modis.

### 4.3.2. Tradução

Por que choras, Astérie, por Gíges a quem os cândidos Favônios, no início da primavera, trarão de volta para ti, rico de bens da Bitínia, um jovem de fé constante? Ele, conduzido pelos ventos do sul para o Órico, depois das insanas estrelas da Cabra, passa frias noites de insônia, chorando muito. No entanto, uma mensagem de sua solícita anfitriã, dizendo que a infeliz Cloe suspira e arde de desejo por teu amante, tenta-o sutilmente de mil maneiras.

### 4.3.3. Comentários

A ode se inicia com a jovem Astérie sendo interrogada sobre o fato de estar chorando pela ausência de seu amado Gíges. Embora ele esteja distante e impossibilitado de ir ao seu encontro devido ao tempo ruim, ela é consolada pela esperança de que o inverno logo passará e, com a chegada do vento do oeste ou Zéfiro, virá também a primavera, que lhe devolverá o seu amado rico e fiel.

Os versos 7 e 8 deixam claro que o amor de Astérie é correspondido, pois seu amado também passa as noites frias de inverno a chorar por ela.

No entanto, a estrofe seguinte chama a sua atenção para um perigo iminente: Cloe. Esta é a anfitriã (*hospitae*) do jovem apaixonado e tudo indica que ela está apaixonada por Gíges e vive tentando seduzi-lo.

## 4.4. Ode 26, Livro III

Nas últimas linhas deste poema, a musa aparece e, junto com ela, a oposição de sentimentos e desejos entre o vate apaixonado e ela: esta, graças a sua arrogância, mostra a sua indiferença para com os sentimentos dele; ele, por sua vez, deseja que Vênus quebre esta barreira que os separa.

4.4.1. *Texto*

O quae beatum diua tenes Cyprum et  
Memphin carentem Sithonia niue..... 10  
regina, sublimi flagello  
tange Chloen semel arrogantem.

4.4.2. *Tradução*

Ó deusa, tu que dominas a rica Chipre e Mênfis, que não tem neve sitônia,  
toca, ó rainha, pelo menos uma vez, com teu chicote, a arrogante Cloe.

4.4.3. *Comentários*

Encontramos a figura de Cloe na última estrofe desta ode dedicada a Vênus.

O poeta inicia a estrofe invocando a deusa do amor e, em seguida, cita dois lugares onde ela era cultuada. O primeiro topônimo se refere à ilha de Chipre, região rica, promissora e lugar de adoração à *dea amoris*, tendo recebido esta o epíteto de Cítéria por causa daquela. O segundo, conforme Heródoto, teve um altar em honra à deusa Afrodite.

A neve que caía na região da Sitônia era tão célebre que deu origem ao epíteto *Sithoniasque nives*.

Por fim, ele suplica à diva que toque com seu chicote de amor o coração de Cloe e ponha por terra a sua arrogância.

5. *Conclusão*

A nossa análise não teve por objetivo um maior aprofundamento nos poemas horacianos. Não nos prendemos a lucubrações ou questões subjetivas, pois o nosso objetivo era chamar a atenção do leitor para a poesia do vate latino, levando-o a se interessar pela leitura dos seus textos e, conseqüentemente, pela tradução, comentários e contexto histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELKIOR, Silva. *Horácio e Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: CBAG, s/d.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

HORACE. *Carmina*. Disponível em:

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0024>>.

HORACE. *Odes, chant seculaire, épodes, satires, épitres, art poétique*. Traduction, introduction et notes par François Richard. Paris: Garnier-Flammarion, 1967.

LEONI. G. D. *A literatura de Roma*. Esboço histórico da cultura latina, com antologia de trechos traduzidos. 8. ed. São Paulo: Nobel, 1967.

SMITH, William; LOCKWOOD, John. *Chambers Murray Latin-English Dictionary*. Great Britain: Cambridge University Press, 1997.